

## TRANSLATORS AS HOSTAGES OF HISTORY

*Ensaio*

De: Theo Hermans e Ubaldo Stecconi

URL: [http://europa.eu.int/comm/translation/theory/lectures/2001\\_01\\_18\\_history.pdf](http://europa.eu.int/comm/translation/theory/lectures/2001_01_18_history.pdf)

O presente discurso foi proferido no Luxemburgo e em Bruxelas, a 17 e 18 de Janeiro de 2002, integrando-se na série de seminários “Theory meets Practice”, organizada anualmente pelo Serviço de Tradução da Comissão Europeia (SDT). A convite do SDT, dois teóricos da tradução tomaram conhecimento do trabalho aí desenvolvido, através de uma visita guiada, e apresentaram um tema susceptível de debate. Dado que os seminários não são acessíveis ao público, os oradores forneceram uma versão escrita do discurso, de forma a ser disponibilizada em linha.

O texto evolui de forma apelativa e original, sendo as intervenções partilhadas por dois oradores, Theo Hermans e Ubaldo Stecconi. Theo Hermans efectua uma incursão pelas metalinguagens figurativas da tradução na Europa Ocidental, citando alguns dos teóricos mais proeminentes. Ubaldo Stecconi intervém com comentários relativos à aplicação das diferentes orientações metodológicas pelo SDT. Numa perspectiva histórica, desde a Antiguidade até à actualidade, passando pelos períodos renascentista e romântico, tentam dar resposta a algumas questões controversas, entre as quais a da invisibilidade do tradutor e a da pouca criatividade apontada ao seu trabalho. Neste contexto, realçam a diversidade e a complexidade do trabalho de tradução, questionam-se sobre as medidas a tomar para alterar algumas ideias pré-concebidas acerca dos tradutores e tentam explicar o facto de estes se sentirem voluntariamente presos a uma tradição de subserviência discreta.

Após uma breve introdução, Theo Hermans inicia o seu estudo histórico pela Antiguidade Clássica. O termo utilizado para tradução, que deriva etimologicamente do Latim *translatio*, *transfere*, está imbuído de uma carga metafórica. Denota um sentido espacial de movimento físico, facto que nos leva a encarar metaforicamente a tradução como algo que envolve uma carga (significado), transportada de um lado para outro numa espécie de contentor (linguagem). A insistência na colagem ao original explica por que razão o tradutor ‘fiel’, *fidus interpres*, resulta na ideia do tradutor tímido, apagado ou servil, que se mantém sempre fiel ao texto. Com efeito, uma das questões que maior debate suscitou ao longo do estudo histórico foi a noção de equivalência, que aparece ligada à noção de transparência, imaginando-se os tradutores como intérpretes e, por isso, transparentes e invisíveis. Estas metáforas, que espelham

modos de pensamento específicos, afectaram desde sempre o estatuto dos tradutores.

Ao redescobrir a cultura clássica, o período renascentista trouxe para a ribalta o tema da tradução enquanto algo de valioso há muito esquecido. A tradução é então considerada um serviço público, por disponibilizar textos e ideias outrora inacessíveis. Mas o poder da tradução era também visto como sendo potencialmente subversivo.

No século XX, privilegia-se o estudo do processo de transferência entre o texto de partida e o texto de chegada. Os funcionalistas descrevem a tradução como uma actividade dirigida a um objectivo, com um ponto de partida, um percurso e um destino. A abordagem pós-colonialista rejeita os estereótipos do tradutor, quer como alguém totalmente devotado a servir o autor, quer como um traidor infiel que adultera culturalmente o original. Opta, assim, por diluir o servilismo tradicional do tradutor em favor de uma mistura complexa de criação, crítica e adaptação. As abordagens inspiradas nas correntes feministas denunciam a posição de subordinação e restrição de que tanto as mulheres como a tradução têm sido alvo na sociedade.

O debate acerca do trabalho desenvolvido no SDT, suscitado por Ubaldo Stecconi, decorre sem fins estatísticos e sem a pretensão de resolver problemas de terminologia. A proposta inclui a procura da metalinguagem figurativa nas traduções que circulam no SDT e a análise do papel e do significado da tradução no projecto europeu, cuja política se baseia numa perspectiva multilinguística e multicultural, no respeito pela diversidade de cada tradição europeia e na defesa da qualidade do serviço prestado. O SDT, decerto o maior gabinete de tradução existente na Europa, possui uma longa tradição e está extremamente bem estruturado, tendo cada membro da equipa um papel definido. As questões da terminologia e da fidelidade desempenham um papel importante no discurso sobre tradução no SDT, embora a ideia de equivalência dos termos e frases surja de forma quase obsessiva. O SDT dispõe de ferramentas auxiliares de trabalho, compostas por palavras e frases curtas que permitem a correspondência lexical e a tradução controlada, e de bases de dados *em linha*, como a *Eurodicantom* e a *Celex*. A esta abordagem da tradução atribui-se o nome de “processamento de palavras”, pois consiste em substituir palavras isoladas de uma língua por outras palavras noutra língua. Esta abordagem poderá justificar-se em termos de normalização, estilo e registo oficial, mas a tradução palavra a palavra revela-se inútil, necessitando o SDT de se concentrar na produção de textos informativos e claros. Ora, uma das falhas apontadas ao SDT reside, precisamente, no facto de a sua linguagem, a *Eurospeak*, ser pouco clara, persuasiva e compreensível para a maioria dos cidadãos. Esta atitude de “processamento de palavras” acarreta o receio por parte dos tradutores relativamente à inevitabilidade do

progresso da tradução automática. Como é óbvio, esta perspectiva mecanicista da profissão do tradutor não é a melhor forma de granjear respeito profissional.

No âmbito do aspecto multilinguístico e multicultural, a Comissão Europeia (CE) deve comunicar com todos os seus constituintes além-fronteiras, isto é, deve localizar-se. O termo localização, muito divulgado ultimamente, surgiu há cerca de dez anos para indicar a tradução e a adaptação de *software* para os países que não se exprimem em Inglês. A CE não deve negligenciar este aspecto, constituindo os tradutores um recurso muito importante, que vai muito além do seu papel tradicional como profissionais que se limitam a reescrever palavras impressas. Os tradutores foram assimilando competências que poderão ser apuradas e aplicadas em diversas áreas, especialmente agora, perante o alargamento que se avizinha. Ao adoptar uma atitude activa, os tradutores poderão comercializar essas capacidades, contribuindo para melhorar o seu estatuto e assim ressaltar o futuro.

A cada leitor deste discurso caberá decidir se as ideias nele expressas são passíveis de conduzir a uma maior satisfação profissional ou a uma atitude crítica de alerta. O levantamento destas questões poderá não ter uma utilidade imediata para a prática diária da tradução profissional, mas permite encará-la de forma dinâmica. Na realidade, a análise das ideias acerca da tradução poderá ajudar o tradutor a expandir os seus conhecimentos e a compreender melhor a sua tarefa, afastando a noção de que os teóricos apenas querem impor-lhe regras para traduzir. Este trabalho de carácter académico proporciona assim uma reflexão cuidada e uma leitura enriquecedora.

Theo Hermans (MA e PhD) é professor no University College of London, onde lecciona Literatura Alemã Comparada. Na sequência dos seus estudos sobre tradução, publicou obras como: *Translation in Systems – Descriptive and Systemic Approaches Explained* (1999) e *The Babel Guide to Dutch and Flemish Fiction in English Translation* (2001).

Ubaldo Steconi é licenciado em Tradução pela Universidade de Trieste. Leccionou Teoria e Prática de Tradução em Itália, nas Filipinas e nos Estados Unidos. É tradutor da Comissão Europeia, em Bruxelas, desde 2001. Publicou livros sobre Teoria da Tradução e Semiótica e redigiu vários artigos literários e entrevistas.

*Carla de Jesus*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Antiga aluna da Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.